

O COMETA DO LIVRO XIV DOS *ANNALES* DE TÁCITO

Anderson de Araujo Martins Esteves

RESUMO: No ano 60 da era comum, sexto do principado de Nero, um cometa apareceu nos céus de Roma. Tal fenômeno foi registrado por Sêneca, por Plínio, o Velho, e por Tácito, que escreve sobre o *sidus cometes* no livro XIV dos seus *Annales*, obra historiográfica que trata de Roma sob a dinastia júlio-claudiana. De acordo com o relato tacitano, o cometa inquietou o povo da Urbe, que julgava que o presságio indicava um novo imperador. Por conta disso, Rubélio Plauto, um nobre descendente de Júlio César, fica em evidência como um possível sucessor de Nero. O episódio vem exposto logo em seguida à narrativa da morte de Agripina, mãe do imperador, e representa um marco para a atuação política de Nero.

PALAVRAS-CHAVE: historiografia romana, Nero, *Annales*, Tácito, presságios.

Os excertos que discutimos no presente artigo são extraídos dos Anais, *Annales* em latim, última obra do senador romano Cornélio Tácito. Na obra, que foi escrita no início do século II d.C., o autor narra eventos ocorridos no centro do poder do Império Romano em determinado período do século anterior, precisamente de 14-68 d.C., trazendo à luz os *arcana imperii*, i.e., os segredos do exercício do poder imperial. Daí o enfoque privilegiado sobre as personagens da corte e, sobretudo, sobre os imperadores da dinastia júlio-claudiana, que governaram no período abrangido pela obra historiográfica, e os seus principais interlocutores políticos – os membros da ordem senatorial. Os últimos quatro livros dos *Annales* que nos alcançaram pertencem a uma terceira e última hêxade – conjunto de seis livros – da obra, em que Tácito narra o principado de Nero.

Um dos principais pressupostos para compreendermos os textos a seguir diz respeito à classificação da obra em um esquema de gêneros literários, ou seja, à tradição anterior e exterior ao texto que baliza sua escrita. E aqui, deve-se partir dos próprios antigos, que denominavam com o termo genérico ‘história’ os textos em prosa – monografias, histórias contemporâneas ou histórias gerais – que tinham como característica comum a descrição das *res gestae*, as ações dos homens nos campos da política, diplomacia e guerra, no passado próximo ou distante. Os críticos modernos, seguindo a tradição antiga, convencionaram chamar de historiografia a esse conjunto de escritos, e assim, podemos afirmar que os *Annales* são uma obra inscrita no gênero literário historiográfico. Com essa afirmação, convirá explicar que a historiografia antiga é muito mais próxima da atual compreensão de literatura do que de ciência, chamando a atenção, sobretudo, os retratos de personagens históricas, os

discursos que o historiador atribui a estas personagens e os tons dramáticos, e por vezes patéticos, presentes na narrativa.

Há, obviamente, várias maneiras de ler os *Anais* de Tácito e a obra modernamente conhecida como a *Vida dos Doze Césares*, de Suetônio. Por um lado, o leitor mais ingênuo, ou mais despreocupado, pode se encantar com a narrativa dos desvarios dos imperadores romanos – de um Tibério que se retirou para Capri para praticar seus vícios sexuais longe de Roma; de um Cláudio, aquele intelectual fraco que foi dominado por suas mulheres e assassinado por meio de um cogumelo envenenado e de um Nero, que matou o irmão, suas duas esposas e sua mãe, a mesma que havia envenenado Cláudio, que pôs fogo em Roma, que foi amante de uma escrava e se casou com outro escravo. Contudo, uma leitura mais atenta pode permitir entrever, nesse amontoado de insanidade ligado à dinastia dos júlio-claudianos, a construção de um discurso senatorial contrário, senão à instituição do principado, ao menos a alguns critérios políticos tendentes à totalitarização do regime, como, por exemplo, o princípio da sucessão hereditária do poder. Em outras palavras, a história era escrita sobretudo pela elite romana – os *optimates*, na dicção de Cícero, ou os *honestiores*, na expressão de Plínio, o Jovem –, que tinha, é verdade, a consciência de que Augusto e a instituição do regime imperial representavam uma solução às crises do fim da República, mas que não estavam dispostas a abrir mão completamente de sua participação na política e, sobretudo, na administração do Império Romano. Logo, percebe-se, em escritores como Tácito, a existência de um pensamento político que, embora reconhecesse o principado como o regime político adequado à Roma, exigia que o poder dos *principes* respeitasse as prerrogativas do Senado e, sobretudo, que cada novo *princeps* fosse escolhido pela ordem senatorial. Com isso, evitar-se-ia que indivíduos sem condição de governar ocupassem o trono meramente por um princípio dinástico. Essa parece ser o tom político geral dos *Anais* de Tácito, a inaptidão dos imperadores júlio-claudianos posteriores a Augusto, como que para sugerir que fosse o Senado a decidir qual o melhor, o mais virtuoso, o mais apto entre os seus membros a quem pudesse se atribuir o destino do Império.

Entretanto, quando se estuda uma obra complexa como os *Anais*, devemos nos habituar à narrativa, por vezes obscura, de Tácito e, sobretudo, devemos decodificar as suas inúmeras ambiguidades. Assim é com Nero, que inicia seu principado com atos de respeito ao Senado e às liberdades das ordens superiores da sociedade romana e, pouco a pouco, desnuda-se para o leitor, mostrando sua verdadeira natureza. E um dos primeiros atos mais significativos deste processo de desvelamento se situa no livro XIV, que começa com o assassinato de Agripina a mando de seu filho Nero, crime que, juntamente com o incêndio de

Roma, é dos mais emblemáticos da personagem através dos séculos da recepção que teve Tácito, no Medievo, no Renascimento e na época Moderna. E o matricídio é um elemento importante na narrativa, porquanto marca um novo comportamento da personagem e, por consequência, um novo período do principado, que já então tinha cinco anos e há muito fizera esfriar a euforia e a esperança iniciais.

Tácito, atento a presságios e sinais celestes, assinala o recrudescimento do arbítrio de Nero por meio de um fenômeno natural, como se lê no trecho a seguir:

Inter quae, sidus cometes effulsit, de quo uulgi opinio est tamquam mutationem regis portendat. Igitur, quasi iam depulso Nerone, quisnam deligeretur anquirebant; et omnium ore Rubellius Plautus celebratur, cui nobilitas per matrem ex Iulia familia. Ipse placita maiorum colebat, habitu seuero, casta et secreta domo, quantoque metu occultior, tanto plus famae adeptus. Auxit rumorem pari uanitate orta interpretatio fulguris. Nam, quia discumbentis Neronis apud Simbruina stagna, in uilla cui Sublaqueum nomen est, ictae dapes mensaque disiecta erat, idque finibus Tiburtum acciderat, unde paterna Plauto origo, hunc illum numine deum destinari credebant, fouebantque multi, quibus noua et ancipitia praecolere auida et plerumque fallax ambitio est. Ergo, permotus his, Nero componit ad Plautum litteras, consuleret quieti Urbis seque praua diffamantibus subtraheret: esse illi per Asiam auitos agros, in quibus tuta et inturbida iuuenta frueretur. (Tácito. *Annales*. XIV, 22, 1-3)

Na mesma ocasião um cometa brilhou, na opinião do povo, um fenômeno que pressagia uma mudança de rei. Então, como se Nero já estivesse deposto, as pessoas começaram a discutir quem seria o sucessor. E a voz da opinião pública celebrava Rubélio Plauto, que, pelo lado materno, descendia da família Júlia. Pessoalmente, ele cultivava os costumes dos mais antigos: seu caráter era austero e sua vida doméstica era pura e discreta, e quanto mais se fazia ocultar por medo, tanto mais era admirado por todos. Os rumores ganharam força pela interpretação, sugerida por igual credulidade, que se atribuiu a um raio. Pois enquanto Nero ceava junto aos lagos Simbruínos, na cidade conhecida como Subláquea, o banquete foi atingido e a mesa foi quebrada pelo raio. Como este fato tivesse ocorrido nas imediações de Tíbur, cidade da qual Plauto derivava sua origem pelo lado paterno, disseminou-se a crença de que ele era o candidato marcado pelo desejo da deidade; e ele encontrou muitos apoiadores naquela espécie de homens que nutrem a ambição ardente e muitas vezes falaz de se tornarem os primeiros aduladores de um governo novo e precário. Nero, assim, perturbado pelas notícias, enviou uma carta a Plauto, aconselhando-o a levar em consideração a paz em Roma e a fugir daqueles que disseminavam escândalos. Dizia, ainda, que ele tinha propriedades de família na Ásia, onde poderia gozar de sua juventude calmamente e em segurança.

Um cometa, na antiga crença do povo romano (*uulgi opinio*), indicava a mudança do rei (*mutationem regis*). Deve-se atentar para a escolha do vocábulo, que indica o distanciamento de Tácito quanto ao sentido do presságio, já que *rex* não se refere ao imperador, mas sim a um governante de um passado mítico, ou, ao menos, distante; de um passado que, possivelmente, testemunhara o próprio estabelecimento dos presságios e dos seus significados. O que não significa, vale destacar, que o autor não acreditasse que o *sidus cometes* tivesse, de fato, alguma influência sobre a vida dos homens e sobre os destinos do povo romano. Ao contrário, Tácito acredita que, no nascimento de cada um, todo seu futuro já está escrito¹ e que a

astrologia é um instrumento válido para conhecer este destino, desde que usada por quem seja perito na arte. Portanto, temos alguma razão para supor que, para o historiador, a aparição do cometa significava realmente uma mudança no curso dos eventos, devendo-se compreender a referência à *uulgi opinio* não como uma condenação à arte divinatória em si, mas sim a uma interpretação equivocada do fenômeno celeste. Ou seja, mudaria não o governante propriamente, mas sim o curso do governo de Nero.

Além dessa inferência, vale comentar a consequência direta do *cometes* na ordem política – o povo, esperando um novo governo, como se Nero já tivesse sido deposto (*quasi iam depulso Nerone*), ansiava por saber quem seria seu sucessor. E isto, que já seria uma ameaça suficiente à estabilidade do principado, agravou-se com a difusão do nome de Rubélio Plauto (*et in omnium ore Rubellius Plautus celebratur*). Nero, que já eliminara Agripina e, antes dela Britânico, teria que lidar com mais uma ameaça ao poder, desta vez advinda de fora do Palatino e, o que era pior, de alguém que rivalizava com ele em virtude e, ao menos parcialmente, em origem. Com efeito, se a família paterna de Rubélio tinha origem equestre na lacial Tíbur, pela linhagem materna, remontava a César². Além da *auctoritas* que a linhagem lhe conferia, sua vida era um exemplo da antiga moral republicana (*Ipse placita maiorum colebat, habitu seuero*), o que fazia-o destoar ainda mais de Nero, que, àquela altura, já dava indícios de seu gosto helenizado e de sua moral desviante³. Pode-se mesmo considerá-lo um estoico, que é como, aliás, a ele se refere Tigelino alguns capítulos à frente:

Plautum, magnis opibus, ne fingere quidem cupidinem otii, sed ueterum Romanorum imitamenta praeferre, adsumpta etiam Stoicorum adrogantia sectaque, quae turbidos et negotiorum adpetentes faciat. (Tácio. *Annales*. XIV, 57, 3)

Plauto, com sua grande riqueza, nem sequer fingia desejar a inatividade política; antes, exibia imitações dos antigos romanos e ainda assumira a arrogância e a seita dos estoicos, que torna os espíritos rebeldes e envolvidos em política.

Por este motivo mesmo, para evitar chamar atenção sobre sua virtude e, por extensão, fazê-las contrastar com os vícios da corte, Rubélio Plauto preferia manter-se retirado (*metu oculior*). Um segundo presságio, que atingiu desta vez a mesa de Nero, que estava na terra ancestral de Plauto, reforçou o *rumor*, devendo-se atentar para o seu sentido mais comum em Tácito, de “opinião pública”, conforme se depreende da leitura das concordâncias que o *Lexicon Taciteum* oferece no verbete (GERBER: 1962, p.1414).

A popularidade de Plauto e, talvez, os presságios por si sós, perturbaram o imperador (*permotus his*). E, de fato, esta perturbação é explicitada mais adiante, quando se lê que Tigelino descobrira que “Plauto e Sula eram muito temidos” *sc.* pelo *princeps*⁴. Em consequência disso, Nero comete o primeiro sério atentado a um membro da nobreza: induz

seu rival a partir para o exílio na Ásia. A carta por meio da qual Rubélio é comunicado da decisão é repleta de eufemismos, calculados por Tácito para reafirmar que uma pena grave – como era o exílio, sucedâneo da pena capital no estatuto legal dos *optimates* – havia sido imposta a um nobre unilateralmente pelo *princeps*, ou seja, sem qualquer processo ou julgamento. E que de uma condenação imperial se tratava, e não de mero conselho, prova-o sua mesma eficácia, já que Plauto efetivamente partiu para o exílio com a mulher e poucos familiares (*in quibus tuta et inturbida iuuenta fruere tur*). Assim, a referência a “cuidar da tranquilidade da cidade” (*consuleret quieti urbis*) e a “gozar de sua juventude em paz e em segurança” (*tuta et inturbida iuuenta fruere tur*) tem o objetivo de deixar patente uma característica do principado de Nero que tem ali seu termo inicial: a perseguição dos membros mais afluentes do Senado. Ou seja, mostrando uma clara distância entre o nível das palavras (os eufemismos de carta) e o nível da realidade (o exílio), Tácito chama a atenção do leitor para uma segunda fase da relação entre *princeps* e *senatus*, fase em que os discursos afáveis de respeito aos valores políticos da ordem republicana cedem lugar a práticas progressivamente absolutistas, que ameaçam estes valores.

O desfecho do episódio sobrevém à morte de Burro e à ascensão de Tigelino, em 62, dois anos depois do aparecimento do cometa. Tigelino, o novo prefeito pretoriano, homem já descrito por Tácito como sem caráter, quis se aproximar do *princeps* oferecendo seus serviços para eliminar Plauto e Sula (Tácito. *Annales*. XIV, 57). O primeiro, na Ásia, teve alguns dias para se preparar para a morte, cuja notícia já circulava em Roma e que lhe foi comunicada por um liberto:

Ceterum libertus Plauti celeritate uentorum praeuenit centurionem et mandata L. Antistii soceri attulit: effugeret segnem mortem, dum suffugium esset: magni nominis miseratione reperturum bonos, consociaturum audaces; nullum interim subsidium aspernandum; si sexaginta milites – tot enim adueniebant – propulisset, dum refertur nuntius Neroni, dum manus alia permeat, multa secutura, quae adusque bellum eualescerent; denique aut salutem tali consilio quaeri, aut nihil grauius audenti quam ignauo patiendum esse. (*Annales*, XIV, 58, 3-4)

De resto, um liberto de Plauto, ajudado pela celeridade dos ventos, chegou antes do centurião e trouxe as instruções de seu sogro Lúcio Antístio: ele deveria evitar uma morte sem resistência enquanto ainda havia um refúgio. Por comiseração por um nome tão importante, ele haveria de encontrar apoio nos homens honestos, haveria de se associar aos audazes, nenhum apoio havia de ser desprezado. Se ele repelisse sessenta soldados (pois tantos estavam a caminho), enquanto a notícia voltasse a Nero e um outro contingente militar viesse, muitas coisas haviam de acontecer que poderiam até mesmo levar a uma guerra. Enfim, seguindo esse plano, ou ele conseguiria se salvar, ou nada de mais grave recairia sobre ele, caso ousasse, do que se não tivesse reação alguma.

A carta de Lúcio Antístio, senador e cônsul em 55, indica o descontentamento de alguns setores da nobreza quanto ao governo de Nero. Primeiro porque se trata de uma inequívoca incitação à resistência diante do arbítrio imperial de autoria de um senador consular e que, a julgar pelo *cursus honorum*, estava entre os mais influentes do Senado⁵. Além disso, os próprios conselhos dados por Antístio – como a exortação a “esperar tudo dos homens de bem” e “muitos acontecimentos favoráveis que o pusessem em termos de declarar a guerra” – deixam entrever a existência de pessoas insatisfeitas com o principado, nas quais Rubélio poderia se apoiar para fugir à execução anunciada.

A carta não surtiu efeito e, como se lê na sequência, Rubélio Plauto morre como um herói estoico⁶.

Sed Plautum ea non mouere, siue nullam opem prouidebat, inermis et exul, seu taedio ambiguae spei, an amore coniugis et liberorum, quibus placabiliorem fore principem rebatur, nulla sollicitudine turbatum. Sunt qui alios a socero nuntios uenisse ferant, tamquam nihil atrox immineret, doctoresque sapientiae, Coeranum, Graeci, Musonium, Tusci generis, constantiam opperientiae mortis pro incerta et trepida uita suassisse. Repertus est certe per medium diei nudus exercitando corpori. Talem eum centurio trucidauit, coram Pelagone, spadone, quem Nero centurioni et manipulo, quasi satellitibus ministrum regium, praeposuerat. Caput interfecti relatum; cuius adspectu – ipsa principis uerba referam – (...) (Ann. XIV, 58, 1-3)

Mas tudo isso não fez com que Plauto agisse; seja porque, exilado e indefeso, ele não via nenhum socorro, seja por desgosto de uma esperança incerta de vida, ou por amor à mulher e aos filhos, aos quais julgava que o imperador seria mais benevolente se não fosse perturbado por nenhum aborrecimento. Há quem diga que uma segunda mensagem de seu sogro havia chegado, dando conta de que nada de grave aconteceria; e que os professores de filosofia – Cerano, de origem grega, e Musônio, de origem etrusca – tinham-no aconselhado a ter coragem para enfrentar a morte em vez de ter uma vida incerta e tumultuada. É certo que foi visto nu, ao meio dia, exercitando o corpo. Nessas condições, assassinou-o o centurião em presença do eunuco Pélagon, que Nero encarregara do comando do centurião e do manipulo, como se estes fossem a escolta de um agente do rei. A cabeça da vítima foi levada a Nero, à vista da qual, relatarei as próprias palavras do imperador, ...

Com a evidente virtude do executado, que, indefeso, afronta a morte, contrasta a crueldade pela qual se qualifica a execução. A cabeça decepada é levada a Nero, que, diante dela, dispara um comentário, perdido no manuscrito. Em situação análoga e apenas dois capítulos antes, Nero ridiculariza a precocidade dos cabelos brancos no crânio decepado de Sula⁷. Dessa forma, parece digno de fé o comentário de Nero sobre o crânio de Plauto, preservado em Díon Cássio: “Eu não sabia que ele tinha um nariz tão grande”⁸. Assim, a solução de Walther para completar a lacuna na edição dos *Annales* de 1831 foi: *Cur, inquit, Nero hominem nasutum timuisti?*⁹ (Por que, Nero, temeste um homem tão narigudo?).

Na presente comunicação, procuramos ilustrar a maneira como Tácito usa um traço comum na historiografia antiga – os prodígios, os presságios e, no caso específico, os

fenômenos celestes – para aceder a um nível mais profundo da narrativa historiográfica. Sob o pretexto de descrever a passagem de um cometa, o historiador quis marcar uma linha divisória no principado de Nero, anunciando o fim do chamado *quinquennium Neronis* – os cinco anos iniciais e promissores daquele governo. Além disso, Tácito descreve a reação popular ao fenómeno e, com isso, começa a explicitar um tema político capital no principado de Nero – a oposição estoica senatorial.

ABSTRACT: In 60 A.D., sixth of Nero's government, a comet showed up in the sky of Rome. This phenomenon was noted by Seneca, by Plinius, the Elder, and by Tacitus, that writes about the *sidus cometes* in the book XIV of his *Annales*, historical work about Rome under the Julio-claudian dynasty. According to Tacitus, the comet distressed the people of Rome, that believed it to be an omen indicating a new emperor. Because of that, Rubellius Plautus, a noble descendent of Julius Caesar, achieves notoriety as a possible successor of Nero. The episode is exposed immediately after Agrippina's death and represents a turning point in Neros's politics.

KEYWORDS: Roman historiography, Nero, *Annales*, Tacitus, omens.

BIBLIOGRAFIA

ESTEVEZ, Anderson A. M. *Nero nos Annales de Tácito*. Tese de doutoramento em Letras Clássicas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2010.

GERBER, Arnold; GREEF, A. *Lexicon Taciteum*. Hildesheim: G. Olms, 1962. 2 v.

GRIFFIN, Miriam T. *Nero: the End of a Dynasty*. Reprinted in paperback. London: Routledge, 2000.

SUÉTONE. *Vies des douze Césars. Tome 2: Tibère.-Caligula.-Claude.-Néron*. 1ère éd. 9. Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

SYME, R. *Tacitus*. Oxford: Oxford University Press, 1958. 2 vv.

———. *The Roman Revolution*. Ed. ver. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TACITE. *Annales*. Tome I. Livres I – III. 1re éd. 3. Texte établi et traduit par Pierre Willeumier. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

———. *Annales*. Tome II. Livres IV – VI. 1re éd. 3. Texte établi et traduit par Pierre Willeumier. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

———. *Annales*. Tome III. Livres XI – XII. 1re éd. 3. Texte établi et traduit par Pierre Willeumier. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

———. *Annales*. Tome IV. Livres XIII – XVI. 1re éd. 5. Texte établi et traduit par Pierre Willeumier. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

VOUT, Caroline. Representing the Emperor. In: FELDHERR, Andrew (Edit.). *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ZIEGLER, Konrat; SONTHEIMER, Walther (Edit.). *Der Kleine Pauly: Lexikon der Antike*. München: DTV (Deutscher Taschenbuch Verlag), 1979.

¹ Tac. Ann. VI, 24.

² Era neto de Tibério. SYME, 1958, p. 555

³ oito capítulos antes, vemos Nero nas quadrigas. Tac. Ann. XIV, 14

⁴ Como lemos nos *Annales* (XIV, 67): *conperitoque Plautum et Sulla maxime timeri*.

⁵ Foi proconsul da Ásia conforme o verbete no *Der Kleine Pauly* (ZIEGLER, 1979, p. 404).

⁶ Sobre a perseguição aos estoicos no governo de Nero, cf GRIFFIN, 2000, p. 171-177

⁷ Lemos nos *Annales* (XIV, 57, 4): *Relatum caput eius inlusit Nero, tamquam praematura canitie deforme*

⁸ Dio Cass. LXII, 14. Suetônio não menciona o fato.

⁹ O texto sublinhado representa a adição de Walther. Cf edição Budé, p. 121, nota 3.